

UM OLHAR SOBRE O CINEMA EXPERIMENTAL PORTUGUÊS NA COLEÇÃO DA CINEMATECA PORTUGUESA - MUSEU DO CINEMA

A LOOK AT PORTUGUESE EXPERIMENTAL CINEMA IN THE COLLECTION OF THE CINEMATECA PORTUGUESA - MUSEU DO CINEMA

Raquel Moreira

Grupo Media, ID+ (Portugal)

Resumo

O presente artigo resulta de uma pesquisa desenvolvida no âmbito do Programa de Bolsas de Investigação de Curta Duração da Cinemateca Portuguesa, que teve lugar durante o mês de setembro de 2024. Com recurso a uma pesquisa bibliográfica e fílmica centrada em obras experimentais realizadas ao longo do último século por artistas e cineastas portugueses/as que integram a coleção do ANIM (Arquivo Nacional de Imagens em Movimento), procuramos contribuir para a identificação e divulgação destas obras e autores/as.

Abstract

This article is the result of research carried out as part of Cinemateca Portuguesa's Short-Term Research Fellowship Programme, which took place in September 2024. Using bibliographical and film research centred on experimental works made over the last century by Portuguese artists and filmmakers that are part of the ANIM (National Archive of Moving Images) collection, we aim to contribute to the identification and dissemination of these works and authors.

Palavras-chave: Cinema experimental português, Cinemateca Portuguesa, Portal Félix, artistas, coleção.

Keywords: Portuguese experimental cinema, Cinemateca Portuguesa, Portal Félix, artists, collection

1 INTRODUÇÃO

No âmbito do Programa de Bolsas de Investigação de Curta Duração promovido pela Cinemateca Portuguesa em 2024 foi desenvolvido um projeto dedicado ao Cinema experimental e/ou de artistas, com o intuito de contribuir para o mapeamento e uma maior visibilidade das obras existentes no espólio da instituição, identificadas ou identificáveis dentro desta categoria. Este estudo propôs-se ainda analisar a presença de obras realizadas por artistas mulheres, dentro da cinematografia portuguesa. Desconhecendo antecipadamente a dimensão que o universo experimental poderia ocupar dentro desta coleção, tomou-se a opção de não o limitar temporalmente, na procura de um olhar mais abrangente sobre o mesmo.

Perante a complexidade que envolve qualquer tentativa de definição do conceito de “experimental”, adotamos neste estudo a perspectiva de Ana Hatherly (1998), considerando que

O cinema experimental português, como actividade coerente e organizada, não existe nem existiu nunca. Mas, se se designar por «experimental» qualquer produção não comercial, cujo objectivo seja a experimentação artística por meio do cinema, seja como prolongamento de uma outra actividade, seja como gesto lúdico ou forma de insubordinação, seja como meio de registar acontecimentos excepcionais (*happenings* ou *performances*) ou ainda como meio de realização de *scripts* mais ou menos construídos mas não-convencionais, então pode dizer-se que, desde o pós-guerra, existiu em Portugal uma espécie de cinema de experimentação levado a cabo quase exclusivamente por artistas: pintores, arquitectos e poetas.

É nos anos 1950, numa época em que o surrealismo e o neo-realismo dominam ainda a cena artística portuguesa, que surgem as primeiras experiências cinematográficas desse tipo, desenvolvidas depois durante os anos 60 por pintores e poetas experimentais e retomadas, se assim se pode dizer, no decurso dos anos 70, por todos aqueles (sobretudo os mais jovens) cuja actividade artística se encontra quase inteiramente ligada aos mass-media e ao audiovisual. (p.263).

2 METODOLOGIA

2.1 Pesquisa bibliográfica

Foi realizada uma pesquisa inicial no Centro de Documentação da Cinemateca, que dispõe de um catálogo específico, permitindo elaborar listagens de diferentes tipos de documentos para consulta presencial.

Dentro da bibliografia disponível dedicada ao “Cinema Experimental”, “Filmes Experimentais”, “Cinema Underground” ou “Filmes Underground”, observamos a quase total inexistência de referências a cineastas e artistas portugueses/as, tendo-se encontrado apenas escassos exemplos na pesquisa por “Cinema de Vanguarda” ou “Filmes de Vanguarda”, como os de Ernesto de Sousa.

Entre os nomes que surgem associados ao fazer Cinema em Portugal num passado mais distante, encontramos algumas referências a filmes amadores – “o triste cinema amador que se faz por aí, imitação invejosa do cinema profissional” a que se refere o mesmo autor numa entrevista realizada em 1971 (Cinemateca Portuguesa, 2013), mas poucos autores de uma prática experimental, entendida como vanguardista e transgressora, de rutura com as convenções, sobretudo anteriores à década de 1960. A partir desse período vemos surgir um número crescente de filmes em 8 mm, Super 8 e 16 mm, como revela o programa do VII Encontro de Cinema de Formato Reduzido, ciclo que a Cinemateca organizou em 1981, exibindo obras nacionais e internacionais produzidas entre 1962 e 1980 (Pereira & Ferreira, 1981). Mais difícil se revela nomear exemplos de cinema experimental português no feminino anteriores ou posteriores a Hatherly, contrariamente ao que observamos na atualidade, com a presença e visibilidade crescente que o trabalho de diversas artistas e cineastas tem vindo a alcançar.

2.2 Pesquisa fílmica

A par da pesquisa documental, foi realizada uma consulta no Portal Félix (Fig. 1), que compila informação relativa a filmes (com ou sem manifestações existentes no ANIM – Arquivo Nacional de Imagens em Movimento), mas também fotogramas, livros e outros documentos arquivados no Centro de Documentação da Cinemateca.

Relativamente às obras inventariadas, encontra-se publicamente disponível no Portal Félix informação relativa ao respetivo Domínio (Imagens em movimento, Bibliografia ou Iconografia) e dentro do domínio das imagens em movimento, os seguintes campos:

- Filmografia Portuguesa;
- Tipo: Atualidades, Curta-metragem, Curta-metragem de ficção, Curta-metragem de publicidade, Curta-metragem documental, Episódio de atualidades, Episódio de programa TV, Episódio de serial, Episódio de série documental, Episódio de série TV, Filme amador, Filme animação, Filme caseiro, Filme de escola, Filme documental, Filme doméstico, Filme experimental, Filme ficção, Filme compilação, Filme institucional, Filme publicitário, Genérico, Longa-metragem, Longa-metragem de ficção, Longa-metragem documental, Making Of, Programa, Registo história oral, Screen test, Serial, Série, Série documental, Série de atualidades, Série TV, Teaser, Telefilme, Trailer, VideoClip musical, Vídeo publicitário, <n.d.> (sem tipo atribuído);
- Autor;
- Ano;
- Idioma;
- Países;
- Representação Digital: sem; com.

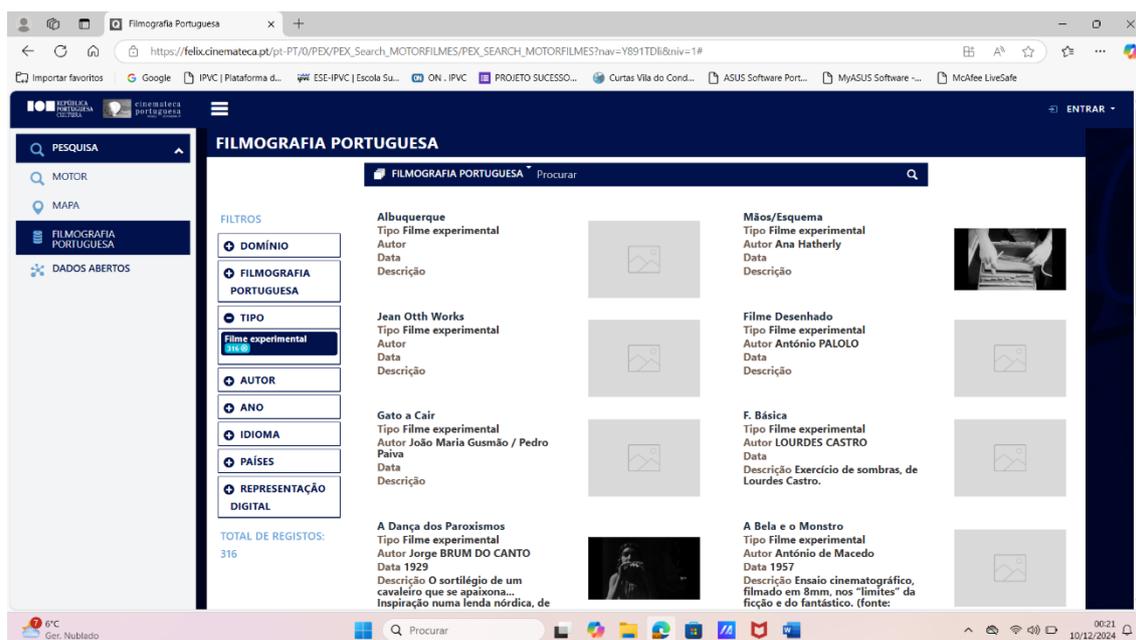


Figura 1. Portal Félix. <https://felix.cinamateca.pt>

3 RESULTADOS

A pesquisa inicialmente realizada permitiu obter 268 resultados referentes ao tipo “filme experimental”, num universo de 18 591 obras integradas no domínio “Imagens em movimento” e em “filmografia portuguesa”. Tornou-se depois necessário dar continuidade à pesquisa por autores/as, a partir da qual foi possível observar que outras obras (dos mesmos e de outros/as) podem inscrever-se na categoria “experimental”. Não sendo conveniente alterar o tipo de filme, à categoria única que se encontra atribuída é possível acrescentar outra(s), sugerindo-se como

exemplo associar a categoria “experimental” a três obras de Ana Hatherly que se encontram classificadas como “filme de animação”.

Tendo em conta a difícil categorização de certas obras experimentais, justamente porque se propõem desafiar limites e fronteiras, considera-se adequada à sua natureza transgressora a utilização de mais do que um tipo, como por exemplo: filme ficção e experimental, animação e experimental, documental e experimental, caseiro e experimental. Há ainda um número considerável de filmes sem tipo atribuído, alguns dos quais se sugere também que sejam identificados como “experimental”, após o visionamento dos mesmos, ou nos casos em que tal não foi possível, através de uma pesquisa complementar.

Deste exercício resultou uma listagem de autores/as e obras, relativamente às quais se incluem propostas de (re)classificação, acrescentando informação que permite completar ou retificar alguns dados da ficha técnica, que poderá ser atualizada no Portal Félix, bem como a descrição do filme nos casos em que está em falta (obtida através de uma pesquisa paralela, em fontes como festivais de Cinema, nomeadamente através do website do Curtas Vila do Conde e da Agência da Curta Metragem, em que se encontra disponível informação relativa a filmes realizados entre 1993 e 2024).

Foram identificados no Portal Félix 364 filmes experimentais realizados por 186 autores/as, na sua maioria de cineastas portugueses/as (346 filmes, dos quais 268 filmes de 105 autores e 80 filmes de 60 de autoras); e 16 filmes experimentais realizados por 21 cineastas de outras nacionalidades (8 autores e 13 autoras), produzidos ou co-produzidos em Portugal

4 CONCLUSÕES

Observamos que as obras portuguesas enquadráveis na categoria “experimental”, entendido no âmbito deste estudo como vanguardista ou transgressor, se situam entre 1929 (com a obra isolada de Jorge Brum do Canto, “A Dança dos Paroxismos”), crescendo sobretudo entre o final da década de 1960 e a de 1970 (em que se situa grande parte do espólio existente e digitalizado pela Cinemateca), até à atualidade, em que vemos já diluídas as fronteiras entre as práticas do Cinema e das Artes Plásticas (de que existem ainda nesta coleção inúmeras referências mas poucas manifestações). Entre os filmes produzidos neste período podemos distinguir aqueles que são realizados profissionalmente (como os documentários realizados por Ernesto de Sousa ou as entrevistas de Ana Hatherly), filmes caseiros documentando viagens e momentos entre amigos e família, trabalhos artísticos, exposições e performances; outras obras, também realizadas com escassos recursos, quase sempre curtas metragens, que procuram um arrojo que as distingue e integra no campo da produção experimental ou de vanguarda, algumas das quais, em defesa da própria liberdade criativa, devem ser realizadas “sem dinheiro”, como defende Ernesto de Sousa a propósito do seu *mixed media* “Almada um nome de guerra” (Cinemateca Portuguesa, 2013).

As obras realizadas em suporte vídeo têm uma presença residual na coleção da Cinemateca, encontrando-se reunidas sobretudo no espólio de instituições como o Centro de Arte Moderna, em Lisboa, ou a Fundação de Serralves, no Porto. Artistas e obras que integram a história da Videoarte em Portugal foram objeto de uma publicação editada em 2008 pela Associação Número – Arte e Cultura (Gonzaga, Guarda, Marmeleira & Figueiredo, 2008).

No ANIM, a inexistência de grande parte dos materiais listados a partir do Portal Félix e o facto de algumas existências constituírem cópias únicas ou de se encontrarem num frágil estado de conservação, limita o espectro de obras visionáveis em película.

No âmbito desta investigação foram visionados 110 filmes, em diferentes suportes: seis cópias em 35 mm, duas cópias em 16 mm, uma cassete DVCam (que reúne quatro filmes originalmente em Super 8) e os restantes, na sua maioria produzidos neste mesmo formato, foram visionados online, possibilidade resultante do processo de digitalização que a Cinemateca tem em curso, com financiamento do PRR.

Entre as obras visionadas identificamos como experimentais 52 filmes da autoria de 14 realizadores e 13 filmes de 3 realizadoras:

- Ana Hatherly (11 filmes, 1965 a 1980, um sem data);
- António Palolo (16 filmes, 1969 a 1976, dois sem data);
- Carlos Calvet (1 filme, 1964);
- Ernesto de Sousa (3 filmes, um de 1977, dois sem data);
- Fernando Calhau (7 filmes, 1975, 1976 e 2001)
- Inês Sapeta Dias (1 filme, 2009);
- João Paulo Ferreira (3 filmes, 1979, 1982 e 1986);
- Jorge Brum do Canto (1 filme, 1929);
- José Calquinha, José Dias Antunes, Pedro Serra e Alves (1 filme, 1976);
- Luís Noronha da Costa (12 filmes, 1974 a 1978);
- Manuel António Pires (2 filmes, 1969 e 1979);
- Manuel Carvalheiro (1 filme, 1980);
- Pedro Sena Nunes (1 filme, 2002);
- Renata Sancho (1 filme, 2002);
- Sandro Aguilar (3 filmes, 2002, 2005 e 2007);

Procuramos, a partir destes visionamentos, analisar a produção cinematográfica nacional de natureza experimental, em diálogo com outras Artes, a que uma parte significativa destes/as autores/as também se dedica, observando a pluralidade de linguagens e abordagens, conteúdos, contextos e processos de criação, por vezes partilhados e interdisciplinares, procurando identificar nessa constelação pontos comuns e distintos, destacando-se:

i) obras dedicadas a uma exploração formal e conceptual que gravita entre o experimental, o documental e a animação (como as já citadas obras de Ana Hatherly, por vezes de carácter performativo, revelando o inconformismo que caracteriza as práticas artísticas deste período mas também o poder da imagem no contexto social e político); um impulso documental que encontramos também entre os trabalhos de Ernesto de Sousa e de António Palolo, que se manifesta no registo de diferentes lugares ou num olhar que oscila entre a ciência e a abstração; registo de vivências e ações ou obras de artistas, em contexto de galeria ou atelier, ou num diálogo entre a natureza e o espaço da arte. Encontramos ainda, deste último, experiências visuais resultantes da exploração de materiais, luz e cores, incluindo a pintura sobre película.

ii) o diálogo entre o experimental e a ficção, já presente n' "A Dança dos Paroxismos" (1929), da autoria de Jorge Brum do Canto, antecipando outras obras que três décadas mais tarde retratam de forma agri-doce a realidade social, bem como as transformações culturais dos anos 1960 e 1970, que se refletem nos filmes de Ernesto de Sousa e Luís Noronha da Costa, em que é também visível o interesse deste autor pela Pintura, a Escultura e a Arquitetura, pelo plano e pela imagem; a relação entre o espaço, o corpo e os objetos; referências à história do Cinema, a obras filosóficas e políticas ou às artes performativas. À mesma diversão se entregam as viagens criativas de João Paulo Ferreira, explorando a nossa relação, enquanto corpo físico, com os lugares que temporariamente habitamos.

iii) a relação entre os corpos e os lugares em que se movem, a que se entrega também Ernesto de Sousa, situando o corpo entre o natural e o político, o privado e o público, bem como ao retrato de artista (Almada Negreiros), a que se dedica também Carlos Calvet (Mário Cesariny) num dos filmes.

Uma abordagem distinta à centralidade do corpo observamos na obra de Manuel Carvalheiro, em diálogo com a Música e a Literatura; ou o fluxo de corpos que se deslocam por entre a multidão, documentado por Pedro Sena Nunes, num registo próximo da videodança.

iv) obras que partem da imagem real para revelar a nossa relação com a natureza de forma inesperada e reflexiva, a partir de um olhar contemplativo, como que propõem Fernando Calhau, Renata Sancho, Inês Sapeta Dias ou Sandro Aguilar.

Outros exemplos observamos que se situam na fronteira entre o registo de carácter documental e o experimentalismo das imagens que revelam – obras artísticas, incluindo performances apresentadas em espaços expositivos, por vezes da autoria de quem as transforma em obra fílmica (como Ana Hatherly ou Ernesto de Sousa), outras vezes documentando o quotidiano e o trabalho de outros artistas (como alguns filmes de António Palolo ou de Manuel António Pires), constituindo uma outra tipologia que importa investigar – filmes sobre Arte e artistas, já fora do âmbito deste estudo, relativamente à qual identificamos 27 obras, havendo certamente outras a acrescentar, sugerindo-se a criação de uma nova categoria que as possa agrupar.

Paralelamente ao mapeamento de obras existentes na Coleção da Cinemateca e/ou referenciadas no Portal Félix, elaborou-se uma terceira listagem, em construção, dedicada a outros filmes dos mesmos e de outros/as autores/as do cinema experimental português, que se traduz num conjunto de propostas de integração na coleção fílmica da Cinemateca. Trata-se de um ponto de partida, com 65 filmes identificados na pesquisa até agora realizada, aos quais se poderão juntar tantos outros, possibilitando um olhar mais alargado sobre a criação fílmica experimental portuguesa.

Por iniciativa de cineastas, distribuidoras e outros agentes, poderemos ver enriquecida a coleção do ANIM nesta e noutras categorias, assegurando a conservação e visibilidade das obras, possibilitando o visionamento (presencial ou à distância), bem como a exibição pública das cópias em película. Nos casos em que essa integração não seja possível, será já muito útil o registo da existência destas obras no portal Félix, instrumento que requer uma atualização contínua, revelando-se fundamental para dar a conhecer a pluralidade da produção fílmica nacional e abrir caminho a futuros estudos.

Raquel Azevedo Moreira

Dezembro de 2024

Apoio: Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, Programa de Bolsas de Investigação de Curta Duração 2024

REFERENCIAS

Almada, Um Nome de Guerra – Apresentação na Cinemateca: Entrevista a Ernesto de Sousa por Carlos Morais. Diário de Lisboa, 15 de Agosto de 1971. [Exibição]. (2013, Novembro, 13). Cinemateca Portuguesa, Lisboa, Portugal.

Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema (2024). *Portal Félix*. <https://felix.cinemateca.pt>

Curtas Metragens CRL. (2024). *Agência da Curta Metragem*. <https://agencia.curtas.pt/filmes/>
Curtas Metragens CRL. (2024). *Curtas Vila do Conde – Festival Internacional de Cinema*. <https://festival.curtas.pt/pesquisa-de-filmes/>

Gonzaga, A., Guarda, D., Marmeleira, J. & Figueiredo, N. (2008). *Videoarte e Filme de Arte & Ensaio em Portugal*. Lisboa: Número – Arte e Cultura.

Hatherly, A. (1998). O Cinema. In Alves, I. & Justo, J. (Org.), *Ser moderno... em Portugal / Ernesto de Sousa* (pp.263-265). Lisboa: Assírio & Alvim.

Neves, A. & Baptista, T. (2001). *Are You Ready for Super 8? Super 8 Stories*. Odivelas: Centro Cultural Malaposta.

Pereira, N. & Ferreira, J.P. (1981). *Cinema à margem / VII Encontro de Cinema de Formato Reduzido*. Lisboa: Cinemateca Portuguesa.

